

## OS PERIGOS DA NEUTRALIDADE

( Maquiavel )

Não acredito que uma política de neutralidade possa ter sido jamais útil a alguém que seja menos poderoso que algum dos beligerantes e cujos territórios sejam fronteiriços dos deles. Deveis compreender que é da maior importância para um soberano adotar com os seus súditos, seus aliados e seus vizinhos, uma política que não o faça nem odiado nem desprezado. Caso ele tenha de escolher entre as duas coisas, poderá fazer-se odiar, mas deve sempre evitar cuidadosamente o desprezo. O Papa Júlio nunca se preocupou se o odiavam ou não, contanto que o temessem e respeitassem; e foi pelo temor que inspirou que ele virou o mundo de cabeça para baixo e pôs a Igreja na situação em que ela hoje está. Garanto-vos que um neutro é sempre odiado pelos que perdem e desprezado pelos que vencem. No momento em que as pessoas começam a desprezar um soberano, e que este se torna conhecido como inútil para aliado e inofensivo como inimigo, há toda a razão de prever que nenhum insulto lhe será poupado, e que todas as intrigas serão feitas para derrubá-lo. Ao vencedor nunca faltarão pretextos. Como, em nosso caso, os territórios são todos próximos uns dos outros, o neutro será obrigado a acolher em seus portos ora um, ora outro dos beligerantes, dar-lhes guarida e fornecer-lhes mantimentos. Disso se originam suspeitas de preferências, e provém um sem-número de disputas e de incidentes. Mesmo que uma guerra pudesse passar sem esses incidentes, o que não é possível, os incidentes surgirão depois da vitória; porque então os mais fracos e timoratos se juntarão todos ao vencedor e assim darão a este todas as oportunidades de detestar o que tenha ficado neutro.

( ... ) Muito embora eu ouça louvar por toda parte a política da neutralidade, não posso aprová-la. Em toda a minha experiência de negócios públicos e em tudo o que li sobre história não consigo me lembrar de um só caso em que a política da neutralidade tenha sido vantajosa. Pelo contrário, tais políticas sempre são desastrosas e levam direito à ruína. Vós conheceis melhor que eu os motivos disso, mas mesmo assim vou tentar expô-los. Sabeis muito bem que o primeiro cuidado de todo chefe de um governo é guardar-se de ser odiado e desprezado; e isto é verdade tanto das suas relações com os seus cidadãos como das suas relações com os seus vizinhos. Enquanto o governo consegue manter-se assim, tudo vai bem: mas no momento em que ele não consegue evitar principalmente o descrédito, está perdido.

Acredito que conservar-se neutro entre dois povos em guerra é arriscar-se voluntariamente a ser odiado e desprezado. Pelo menos um dos beligerantes achará sempre que, em paga dos favores recebidos no passado, ou em

consideração por uma amizade antiga, o neutro estava na obrigação de ser seu aliado, e daí vai um passo até que chegue a odiá-lo por ter faltado a esse dever. O outro beligerante, por sua vez, desprezará o neutro, por achá-lo covarde e irresoluto. E, com isto, o soberano terá de um só golpe obtido a reputação de ser um mau amigo e um fraco inimigo, e qualquer dos beligerantes que saia vencedor lhe causará o mal que lhe aprouver. À medida que a guerra progride, aumentam os motivos de ódio contra o neutro. Na maior parte das vezes este se encontra em situação de poder ajudar ou prejudicar de vários modos um dos beligerantes. Portanto, desde que tenha rebentado a guerra, não demorará muito para que o neutro se veja obrigado a ajudar secretamente e sem honras para si, o lado a que ele não tenha querido aderir abertamente; e, ainda que ele não faça isso, todos estarão certos de que ele o estará fazendo.

(Carta a Francesco Vettori, de 22 de dezembro de 1514. Em *O pensamento vivo de Maquiavel*, 265/267. Apresentação de Carlo Sforza; trad. de Rubens Gomes de Souza. São Paulo, Martins, 1965.)

\*  
\*     \*

## VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

FRANCISCO NARDY FILHO ( 1879 – 1959 )

A propósito do centenário de Francisco Nardy Filho, transcrito em março do corrente ano, o responsável por esta publicação estampou no “Correio Popular”, de Campinas, a nota RECORDANDO UM HISTORIADOR LOCAL, aqui transcrita:

Há poucos dias a cidade de Itu, pelos seus órgãos representativos, inclusive os poderes públicos, prestou significativa homenagem a Francisco Nardy Filho, pelo transcurso de seu centenário. Gostaria de ter estado presente às comemorações, mas infelizmente o honroso convite com que fui distinguido pelo senhor Prefeito Municipal chegou com atraso. Não tive o privilégio de conhecer pessoalmente o Chiquito Nardy, que é como seus íntimos o chamavam, ou o F. Nardy Filho, como cerimoniosamente assinava suas crônicas em “O Estado de São Paulo”, bem como os livros que publicou. Mas conheci tanta gente de suas relações e que bem o conheceram, que é como se eu próprio o houvesse conhecido. Desde mestre Afonso de Taunay até alguns amigos ituanos